



CINEMA E FAVELA: LINGUAGEM E MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DOS TERRITÓRIOS CONFLAGRADOS NO RIO DE JANEIRO

ARENDDT, Iara Machado

Formada em Produção Cultural pela Universidade Federal Fluminense; mestrando em Memória Social no Programa de Pós-Graduação em Memória social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
iara_arendt@yahoo.com.br

ROCHA, Anabella Machado da

Formada em História pela Universidade Federal Fluminense; mestrando em Memória Social no Programa de Pós-Graduação em Memória social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
bellarocha03@gmail.com

69

RESUMO

Neste artigo utilizamos os filmes “5x favela – agora por nós mesmo”, “5 vezes Pacificação”, “Tropa de Elite 1 e 2” e o clipe “Minha alma” para refletir sobre a participação da arte cinematográfica na cadeia de iterabilidade referente à construção de uma memória das favelas na cidade do Rio de Janeiro, que respaldam o discurso e as ações militares armadas nos territórios ocupados pelas UPPs, levando em consideração os atos de fala, o aspecto performativo do discurso político e as possibilidades de resignificação por parte dos moradores na construção de sua memória coletiva; buscando entender como acontecem as relações e interações dentro e fora das favelas cariocas, marcada pela violência policial legitimada por discursos institucionais, e a tentativa de construção hoje de um imaginário voltado para uma nova polícia pacificadora integrada a favela com proposta de melhorar a qualidade de vida do morador e como diversas vozes nesse contexto se expressam e vivenciam essa realidade.

Palavras-chave: Favela, cinema, memória.

ABSTRACT

In this article we used the films "5x favela – agora por nós mesmos", "5 vezes pacificação", "Tropa Elite" 1 and 2 and the clip "Minha Alma" to reflect on the participation of cinematic art in the iterability chain for the construction of a memory of the favelas in Rio de Janeiro, which support the speech and armed military actions in the occupied territories by the UPP, taking into account the speech act, the performative aspect of political discourse and the possibilities of reframing by the residents in construction of a collective memory, seeking to understand how the relationships and interactions occur within and outside of Rio's slums, marked by police violence legitimated by institutional discourses, and the attempt to create an imaginary today facing a new integrated pacifying police the slum with proposed to improve the quality of life of residents and how many voices in this context express and experience this reality.

Keywords: Favela, cinema, memory.



INTRODUÇÃO

Se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que recordamos, do ponto de vista desse grupo. (Halbwachs, 2006: p. 41)

As especificidades do desenvolvimento cinematográfico brasileiro se deram tomando como questões centrais as transformações da linguagem cinematográfica em suas relações com outras práticas artísticas e discursivas, assim como através do contágio das matrizes cinematográficas formais e dramáticas com realidades sociais locais.

Importantes movimentos do cinema brasileiro mostraram uma imagem visual, contínua e coerente, que procurava expressar a maioria do povo brasileiro, montando um universo integrado por sertão, favela, subúrbio, vilarejos do interior ou da praia, gafeira e estádio de futebol. Hoje, pode-se dizer que o cinema brasileiro não segue uma ideologia, uma estética única, pode-se dizer que ele segue em determinados instantes algumas necessidades e imposições do mercado, mas também há espaço para diferentes produções politizadas ou que não retratam e abordam a realidade de regiões brasileira. Assim, diferentes abordagens sobre a vivência dessas populações são apresentadas na produção cinematográfica e participam da construção dessas memórias.

O indivíduo humaniza-se através da linguagem e embora a linguagem tenha sempre sido um tema da reflexão filosófica, na modernidade percebe-se como ela constitui-se num paradigma, numa chave virtual para a mente, para as práticas artísticas e sociais. Buscamos investigar o discurso performativo a respeito das favelas no discurso oficial do Estado e a relação com o discurso cinematográfico, principalmente, nos filmes “5 Vezes Pacificação” e “5 vezes Favela - agora por nós mesmos” ambos feitos por pelos mesmo criadores; o clipe Minha alma (A paz que eu quero), do Rappa, e Tropa de Elite 1 e 2 de José Padilha. Nesse sentido trabalharemos com a lógica da iterabilidade (Derrida, 1997), ou seja, o “funcionamento da lógica que associa repetição e alteridade.” (Derrida, 1977: 180), seguindo a proposta da pragmática linguística que é de considerar elementos da exterioridade (e.g. a sociedade, a cultura, a história, o outro) na teorização do linguístico. A ideia é problematizar a própria relação entre linguagem e iterabilidade e a construção da memória que a sustenta em referência às favelas cariocas, buscando entender como os jogos de poder e embates de



interesses que se expressam nos atos de fala associam-se à memória e à cadeia de iterabilidade (Derrida, 1977).

FAVELA

O vocábulo favela se origina no nome dado a uma planta da região de Canudos, Bahia, para onde foram enviados soldados para combater Antônio Conselheiro e seus seguidores. Ao voltarem para o Rio de Janeiro, esses soldados não receberam o pagamento que lhes fora prometido e, sem saída para garantir moradia, acabaram por ocupar morros centrais da cidade, Providência e Santo Antônio. Logo, a expressão generalizou-se, nomeando os lugares que se caracterizam como conjunto de casebres construídos em ocupações irregularmente. A definição de favela tem sido construída apoiando-se na ideia de falta, de ausência e homogeneização. A favela é o lugar onde não há saneamento, não há serviços públicos, não há ordem, não há moral, não há segurança etc. (Observatório das favelas, 2009). Nas últimas décadas, à ausência foi acrescido o estigma do lugar da violência armada, do tráfico de drogas, do crime organizado.

O filme "5 Vezes favela agora por nós mesmos" foi realizado por iniciativa dos mesmos idealizadores de "5 vezes favela", entre eles Carlos Diegues, que pertenciam ao movimento Cinema Novo. O longa, dividido em cinco curtas metragens feitos por diferentes diretores oriundos de favelas, buscou trazer ao público o cotidiado dos moradores da favela pelo olhar de seus próprios moradores. No primeiro curta temos um jovem morador que ganha uma bolsa de estudos para a PUC – Rio e acaba sendo instigado por seus colegas de famílias ricas a vender drogas, mostrando que o consumo de entorpecentes não está apenas nas favelas. No curta seguinte nomeado como "Arroz com Feijão" vemos como um menino tenta conseguir dinheiro para comprar um frango de presente de aniversário para seu pai a quem vê lamentando só ter arroz e feijão pra levar na marmita todos os dias, vemos como é o dia-dia da favela, como às vezes é difícil para o morador da favela se relacionar com os moradores do asfalto, por causa de estigmas sociais e diferenças, que em certos momentos esse morador de origem simples, sem grande poder aquisitivo é explorado para trabalhar e ganhar muito pouco, ou ser agredido por grupos em vantagem economicamente, e como dentro da favela há diversos trabalhadores construindo suas famílias, tentando passar valores e educando seus filhos para serem futuros cidadãos. No terceiro filme nós podemos ver como é difícil o



contato entre polícia e traficantes, principalmente quando a polícia é corrupta e usa métodos de violência e tortura com moradores e suspeitos de envolvimento no crime e traficantes, desrespeitando a lei e agindo com extremo abuso de poder, colocando em situação conflituosa o policial que quer ser honesto. No quarto episódio nos deparamos com o conflito entre facções que praticamente não existem mais com a entrada das UPPs nas favelas, no filme temos jovens amigos da mesma escola que tem que se dividir porque moram em lados de facções diferentes, entretanto em função de uma brincadeira muito comum entre os jovens brasileiros que é soltar pipa, um deles é levado a entrar na área da facção oposta a que morava, o que lhe causa medo e desconforto, mas que ao final, mostra que tudo pode ser superado pelas relações humanas e de amor ao próximo. No último curta temos a possibilidade de conhecer como é o cotidiano em comunidade dentro das favelas e as ligações clandestinas de energia, popularmente conhecida como gato, que faz com que na noite de ano novo um grupo de moradores vizinhos fique sem energia elétrica, e para resolver o problema é chamado um funcionário da Light, que sensibilizado pela situação dos moradores de possivelmente passarem um réveillon sem energia e envolvido pela hospitalidade dos moradores decide fora do horário de seu expediente consertar o problema dos cabos elétricos e finalmente passar a noite em festa com os moradores da favela.

O filme que teve a proposta de trazer a visão dos próprios moradores usa a expressão favela em seu título, embora no conteúdo dos filmes, por vezes, a palavra comunidade apareça, dita por algum personagem-morador. Para Derrida, a circulação da linguagem, e consequente repetição de enunciados performativos, provoca, inevitavelmente, uma ruptura, trazendo a marca do passado, que causa mudanças no interior do sujeito, e consequências futuras e até pode se fazer perceber no mundo exterior do sujeito (Derrida, 1977). Seguindo esta lógica, a palavra favela ao seguir seu ciclo de repetição e rupturas, acabou por adquirir, histórica e socialmente o estigma de violência, miséria e ignorância. Chamar alguém de favelado é lançar-lhe uma ofensa, assim como a expressão “barraqueira”, em alusão aos barracos, como são caracterizadas, em geral, as moradias das favelas. Essas palavras evocam uma memória de barbárie, de desorganização urbana, de exclusão e de não pertencimento ao ideal de cidade civilizada.

O abandono a que o Estado delegou essas regiões da cidade, ocupadas por uma população majoritariamente negra e parda, deixou espaço para seu uso como território para a



venda no varejo de drogas ilegais e a constituição de grupos fortemente armados, o que também é visto no “5 vezes favelas”, principalmente na história 1, (Fonte de Renda – direção Manaíra Carneiro e Wagner Novais), onde um rapaz morador da favela consegue passar pra faculdade de direito e, pressionado por sua condição social e por seus colegas, começa a vender drogas; na história 3, (Concerto para violino – direção Luciano Vidigal), conta a história de três amigos de infância que se reencontram em lados opostos - polícia e bandido – provocando um desfecho violento e inusitado. No entanto, nas cinco histórias pode-se ver a expressão da violência, seja pelo tráfico, pela fronteira instaurada por grupos rivais, pela corrupção policial, pela pobreza, pela separação entre a favela e a cidade, que fica muito clara no encontro entre dois meninos da favela e um grupo de estudantes de escola particular, nas ruas do asfalto, na história “Arroz com feijão” (direção de Rodrigo Felha e Cacau Amaral).

Mas, nos interessa, aqui, perceber que, a parte disso, as cinco histórias trazem o convívio de seus moradores, as ligações de solidariedade para transpor situações de dificuldade, as relações de afeto entre os familiares, a ocupação coletiva dos espaços públicos, o que se contrapõe a outras produções cinematográficas de grande repercussão como Tropa de Elite 1 e 2, que, a despeito de mostrarem a corrupção das instituições de segurança, focam suas câmeras na questão do narcotráfico e a violência. Elementos que sempre foram destacados na cadeia de iterabilidade que cerca os processos de marginalização e exclusão das populações moradoras de favelas, homogeneizando todos como massa disforme, constitutiva do mal que assola a Cidade Maravilhosa.

Em 2004 a Banda O Rappa, lançou um vídeo clipe “Minha Alma” (www.youtube.com/watch?v=vF1Ad3hrdzY), dando uma perspectiva muito objetiva de quanto e a quem serve a construção de uma memória das favelas como o território livre do mal, do pernicioso, fonte de marginais e criminosos. O clipe traz um grupo de adolescente com uma criança passeando pela favela se organizando pra ir à praia quando um deles pega uma nota que um homem deixou cair de sua carteira, o que provoca uma ação de extrema violência da polícia, levando a morte e prisão dos rapazes, desencadeando forte reação dos moradores, levando a cenas de violência coletiva, mostradas a partir do ponto de vista da criança.



UPP: PROJETO DE PACIFICAÇÃO

Em entrevista ao G1, em 27/04/2007, mesmo ano em que foi lançado Tropa de Elite 1, Sergio Cabral, governador do Estado do Rio de Janeiro, deu a seguinte declaração: “Você pega o número de filhos por mãe na Lagoa Rodrigo de Freitas, Tijuca, Méier e Copacabana, é padrão sueco. Agora, pega na Rocinha. É padrão Zâmbia, Gabão. Isso é uma fábrica de produzir marginal.” Pouco mais de um ano depois, inspirado em experiências vividas em Medellín, na Colômbia, segundo o próprio discurso oficial (<http://www.upprj.com>), o Governo do Estado do Rio de Janeiro, em 19 de dezembro de 2008, inaugura a primeira Unidade de Polícia Pacificadora, no Morro Santa Marta, no bairro de Botafogo, e dá início ao programa de pacificação das favelas cariocas.

O projeto de criação das UPPs, trouxe a ocupação militar armada em diversas favelas e com ela nova realidade para seus moradores. Atualmente, 38 UPPs já estão implantadas e a Polícia Pacificadora conta com um efetivo de 9.543 policiais. Esse quantitativo deve chegar a 12,5 mil ainda este ano (<http://www.upprj.com/index.php/historico>). Isso nos leva a refletir sobre a maneira o papel da instituição policial, da mídia e a visão dos demais moradores das áreas formais da cidade do Rio de Janeiro; como se dá as transformações das relações de poder ou não.

No início de sua implementação houve movimentos contra a entrada da UPP na favela e grande resistência da população local à ocupação da polícia em seu território de moradia. Entretanto foi clara a posição da mídia, se colocando de acordo com o discurso do governo em apoio às UPPs. Existe neste caso uma história da identidade e da cultura brasileira que corresponde aos interesses dos diferentes grupos sociais na sua relação com o Estado (Ortiz, 1994:9).

O discurso de exclusão, que acusa as mulheres-mães das favelas de “fábricas de produzir marginais” é performativo e constitui um ato de fala. Aqui cabe a questão do que seja o ato de fala. A linguagem é performativa (Ottoni, 1998), e como afirmam Derrida (1991) e Butler (1997), o performativo atua numa cadeia de iterabilidade: ele cita, ecoa ações anteriores e “acumula a força da autoridade pela repetição ou citação de uma série anterior e autoritária de práticas” (Butler, 1997:51). A cadeia de iterabilidade pressupõe repetição e alteridade, articula-se a uma memória e o ato de pronunciá-lo compromete com algo que se dirá no futuro. A ideia aqui é de que os atos de fala são um lugar de luta (cf. Bakhtin, [1929]1999).



Bakhtin afirma que, como classes sociais diversas utilizam-se de uma mesma língua, então “confrontam-se índices de valor contraditórios. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes.” (p.46).

CINEMA E FAVELA

A possibilidade de refletir sobre o que vem acontecendo e a visão dos membros da sociedade afetados pela ocupação das UPP em diferentes favelas do Rio de Janeiro, é uma maneira de criar aproximações, encontros, levantar, comprovar ou não hipóteses, pois como diria Halbwachs:

Dois seres podem se sentir estreitamente ligados um ao outro, e terem em comum todos os seus pensamentos. Embora em certos momentos suas vidas decorram em ambientes diferentes, através de cartas, descrições ou por narrativas quando se aproximam, eles podem dar a conhecer um ao outros detalhes de circunstâncias em que se encontraram quando já não estavam mais em contato, mas será preciso se identificarem um ao outro para que tudo o que de suas experiências fosse estranho para um ou para outro seja assimilado em seu pensamento comum! (2006, p. 51)

Vamos tomar como ponto de partida a concepção marxista de ideologia. Em *O que é Ideologia?*, Marilena Chauí (1980) traça uma linha histórica do termo, apontando que primeiramente pretendia-se “elaborar uma ciência da gênese das ideias, tratando-as como fenômenos naturais que exprimem a relação do corpo humano, enquanto organismo vivo, com o meio ambiente” (p.22).

Halbwachs que afirma que nunca estamos sós e levamos conosco, no nosso imaginário, o que faz sentido, pensar como falas contidas em “5 vezes Pacificação”, momento em que o cinema brasileiro se encontra em grande expressão, reproduz na imaginação a memória social no sentido de representar múltiplas identidades do povo brasileiro e especificamente dos moradores da favela e do “asfalto”, policiais, políticos, artistas e aqueles que de alguma maneira estiveram ligadas ao crime. O cinema com regras e convicções, que são fontes de documentação histórica e meios de representação da história, constitui um objeto interessante de arquivo e registro de distintos contextos sócio históricos (Fresquet, 2007).

Dentre as teorias do cinema, ele pode servir, além de linguagem, como pensamento, manifestação dos sentimentos e simbolização do desejo, como substituto do olhar, além de arte e escrita (Aumont e Marie, 2003). Nesse sentido, nos permite ver, pelos olhos de outros,



aquilo que não conseguimos ver, requerendo a percepção de todos os nossos sentidos, sendo considerado herdeiro de todas as artes, suscitando, pois, cada uma de nossas emoções, aguçando nossa imaginação por suas múltiplas possibilidades de interpretação, possibilitando o estímulo de nossa memória.

Essas reflexões são de extrema importância na construção da memória social cinematográfica brasileira, pois com diria Huyssen:

A memória vivida é ativa, viva, incorporada no social – isto é, em indivíduos, famílias, grupos, nações e regiões. Estas são as memórias para construir futuros locais diferenciados num mundo global. (2000, p. 36-37)

No filme “5x pacificação”, dos mesmos criadores de “5x favelas – agora por nós mesmos”, Podemos observar pelos depoimentos e conversas entre os entrevistados, que os conflitos entre facções criminosas nas favelas do Rio de Janeiro há muito tempo fazia parte do cotidiano dos seus moradores e, concomitantemente, a entrada da polícia nessas comunidades se dava de forma violenta, levando os moradores a ter uma resistência e desconfiança da polícia por passarem por momentos constrangedores e de violência.

Muitas vezes também, por medo, cumplicidade, amizade e/ou por fazer parte da mesma família, o morador da favela também vinha proteger, esconder, aqueles envolvidos com o tráfico, mesmo o tráfico trazendo uma realidade difícil para os moradores.

O projeto da UPP é implementado com o objetivo de tentar diminuir a criminalidade, ilegalidade, dentro da favela, desarmar o tráfico e estabelecer uma relação pacífica entre a polícia e os moradores da favela, com a promessa de entrar com outros projetos sociais. Entretanto, antes das UPPs já havia diversos projetos sociais dentro das comunidades, ligados a organizações não governamentais.

Uma fala interessante de um entrevistado do documentário “5 Vezes Pacificação” é “Nunca vi policiamento dentro da favela, vejo intervenção, UPP veio salvar a comunidade da própria polícia de extermínio. O Estado aparece pela força, o que perdeu por negligência”. O que corrobora com o princípio de poder simbólico desenvolvido por Bourdieu:

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os ‘sistemas simbólicos’ cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) [...] (1989, p. 11)



Isso nos faz pensar porque somente agora a interesse político em pacificar a favela, se durante anos elas não tiveram a mesma atenção que estão tendo agora e a criminalidade acontecia com o conhecimento de todos como se pode observar em filmes como “Tropa de Elite 1 e 2” e/ou “Cidade de Deus”. Além da violência da policia com a própria população local como podemos ver no clipe “Minha Alma (A Paz que Eu Quero)” do grupo musical O Rappa. Sem dúvida, está envolvido aí o projeto de transformar o Rio de Janeiro numa cidade internacional, a partir dos megaeventos esportivos agendados para ocorrerem na “Cidade Maravilhosa”, em 2014 – Copa do Mundo de Futebol – e, em 2016, Jogos Olímpicos e Paraolímpicos. Para tal é preciso fazer uma assepsia na cidade, garantir segurança para os turistas e mudar a cara do Rio que está associada, inexoravelmente, à imagem das favelas, à violência e ao tráfico de drogas.

Halbwachs afirma que nunca estamos sós e levamos conosco, no nosso imaginário, o que faz sentido, o que nos leva a pensar se a produção cinematográfica brasileira na contemporaneidade, momento em que se encontra em grande expressão, traz à lembrança, reproduz na imaginação a memória social no sentido de representar múltiplas identidades do povo brasileiro. Nesse sentido, permanece no imaginário das pessoas, desde a ditadura militar o desconforto em relação à polícia.

O discurso da mídia e do governo é que a UPP traz muito benefícios, como água na casa dos moradores, mas, em muitas comunidades ocupadas pela UPP, houve poucas mudanças. Uma das críticas que se faz é que além da segurança outras ações e secretarias do governo como aquelas responsáveis pela infraestrutura, saneamento básico, assistência social, nem sempre acontecem. A coisa fica limitada à ação policial. E o suposto processo de ordenamento, acaba apenas por incluir os milhares de habitantes grupo de consumidores de serviços, que são majoritariamente fornecidos por concessionárias. Assim, o chamado “gato”, (ligações clandestinas) que possibilitavam acesso à água, luz e televisão acaba gratuitamente ou a preço muito menor que os praticados na sociedade formal, foi impedido, mas não se deu condições reais para que os moradores pudessem arcar com esse gasto.

Por exemplo, os moto-táxis, transporte muito comum nas favelas, passaram a ser legalizadas e fiscalizadas, foi imposta uma regularização com exigências de documentos aos motoristas, divisão de turnos para o trabalho e a obrigatoriedade de diminuição do número de motos, desempregando motoqueiros. A moto que supre as necessidades da comunidade passa



por um processo de fiscalização que pode prejudicar o dia-dia dos próprios moradores. Em contrapartida, não se constituiu uma política de transporte público que substituísse o alternativo.

Também restrições ao baile funk por parte da UPP, segundo moradores, pode ser considerado uma arbitrariedade, pois o mesmo é uma expressão cultural brasileira, gera emprego direta e indiretamente. O argumento da polícia é que o baile é foco de tráfico de drogas, o que soa como um preconceito, pois o mesmo também acontece em festas de grupos sociais com alto poder aquisitivo e não acontece a mesma postura repressora da polícia. Além disso, o funk é um gênero musical apreciado por grande percentual da população em geral e é peculiar às favelas cariocas. O nos traz à lembrança o processo de repressão por que passou o samba.

Durante anos a polícia entrou nas favelas do Rio de Janeiro assassinando moradores através do conhecido “caveirão” e por atiradores de elite em helicópteros, com respaldo do governo, com o argumento de que estava à procura de criminosos e traficantes, que os assassinatos aconteciam contra os suspeitos de estarem envolvidos com o tráfico.

Nesse sentido, depois de anos de corpos castigados dos habitantes das favelas, constrangidos pela violência e abuso de poder da polícia se tenta moldar as mentes das pessoas para que elas aceitem passivamente a UPP, assim como instruir os policiais de que o morador da favela não é seu inimigo, depois de décadas formando uma consciência policial de que na favela está o inimigo. Os policiais que constituem a UPP se diferenciam, recebem treinamento especial, têm mais policiais mulheres e há discurso de se controlar a corrupção policial. Quanto mais legítima a polícia, menos mecanismos de força serão usados.

É preciso produzir processos de aproximação, pois eles não acontecem naturalmente. Na cabeça do policial está que ele vai proteger a sociedade de meliantes e a identificação do que é um meliante pode ganhar extensão a estereótipos há muito construídos. O choque de cultura é grande.

Nesse sentido, no Brasil há vários Brasís e no Rio de Janeiro há vários Rios. Cada favela é uma favela, tem características físicas específicas, cultura e necessidade próprias. O trabalho deve acontecer de uma maneira diferente. “Existe uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos.” (Ortiz, 1994:8)



A UPP envolve asfalto e morro e um problema apontado pelos moradores é a ocupação da favela pela polícia sem um trabalho social que possa incluir os moradores como cidadãos. Apenas a ação repressiva policial pode expulsar a criminalidade de favela ocupada pela UPP, mas não a impede de migrar para outras regiões.

Existem projetos realizados por organizações não governamentais, como o realizado pelo grupo Afroreggae, em que agentes transformadores trabalham encaminhando para um trabalho quem antes estava no tráfico e decidiu sair, como aponta o filme “5x Pacificação”.

Há algumas pessoas que acreditam que dar anistia aos antigos traficantes pode ser uma possibilidade de dar uma chance a quem quer viver uma nova vida sem o estigma e preconceito imposto socialmente. A prisão é apenas a continuação natural, nada mais que um grau superior dessa hierarquia percorrida passo a passo. O delinquente é um produto de instituição (Foucault, 1977:263), daqueles que tiveram poucas oportunidades e foram seduzidos pelo crime, pelo dinheiro fácil que poderiam ganhar.

Nesse sentido, segundo afirmação de morador de uma das favelas do Rio de Janeiro, não adiantaria uma UPP entrar na favela sem dar chance para quem era do tráfico, pois existem também aqueles que vendo que estão perdendo território para UPP, não querem ir para outra favela continuar trabalhando no tráfico de drogas, e gostariam de voltar a ter uma chance de recomeçar suas vidas, fala de um dos participantes do documentário “5 Vezes Pacificação”.

Existem outros projetos como o reflorestamento do Morro da Babilônia que integram moradores da favela com moradores do asfalto que recebe muitos turistas. Essas ações mostram que é possível também a entrada na favela sem medo, nesse sentido, a pacificação é de grande importância.

Há também moradores segundo fala do documentário “5 Vezes Pacificação” que acreditam que seria melhor UPP não ter entrado na sua comunidade ou agora que entrou que ela deveria ir embora, pois está prejudicando ao invés de trazer benefícios. Ainda existem opiniões diversas sobre as UPPs, alguns têm receio sobre a corrupção da polícia, que uma nova facção pode ser criada pela própria polícia, outros questionam como vai ser a favela depois da entrada da UPP, quando por algum motivo no futuro ela tiver que sair da favela, falas tiradas do documentário “5 Vezes Pacificação”. De fato ainda é preciso reformas para melhoria da qualidade de vida dos moradores das comunidades favelas, como assistência



social para receber dignamente na sociedade quem foi preso ou já fez parte da criminalidade, empregar os diversos membros da comunidade, dar acesso à saúde, educação e lazer a seus membros.

Além disso, com a chegada da UPP, muito comércio fechou dentro das favelas, o governo promete, mas não participa de outras ações sociais, o que acaba sendo feito por iniciativa de ONGs e associação de moradores, segundo visão de participante do documentário “5 Vezes Pacificação”.

CONCLUSÃO

Podemos depreender que há diferentes pontos de vista entre diversos membros de nossa sociedade sobre o mesmo problema, a violência na cidade do Rio de Janeiro. No entanto, se vê com facilidade pelo que mostram as falas no cotidiano, o cinema e o próprio discurso oficial que os chamados territórios conflagrados, segundo os pronunciamentos das autoridades de segurança pública do Estado do Rio de Janeiro, não existem per se, mas são construídos pelo discurso que deixa a todos os moradores desses ditos territórios homogeneizados numa imagem de banditismo. Não se trata de negar que a existência do tráfico de drogas, dos conflitos entre facções e toda a violência deu fama internacional às favelas do Rio de Janeiro, mas de observar que a política de pacificação, conseguiu desarmar grupos criminosos que estavam localizados em favelas de zonas mais ricas e valorizadas da cidade, empurrando essa violência para o chamado grande Rio. Talvez quem tenha se sentido mais beneficiado seja o “asfalto”, a classe média que vive dentro do ordenamento urbano, já que no Rio de Janeiro as favelas não estão confinadas nas periferias, mas coabitam as regiões valorizadas da cidade. Mas, à legitimação de ações militares no trato com os cidadãos e cidadãs das favelas, caracterizando um trato diferente do que é dado aos moradores do “asfalto”, são os sentidos que se constroem na circulação da linguagem. É a repetição que fortalece esses sentidos de marginalização, de barbárie e incivilidade que cercam as favelas e legitimam a expressão “territórios conflagrados” que autorizam o uso da violência militar.

O processo de pacificação está em curso e a sua fragilidade já se expõe com o retorno de tiroteios e ataques à polícia em regiões de maior concentração populacional como Rocinha e Complexo do Alemão. Sem uma atuação contundente para gerar qualidade de vida aos moradores das favelas, que possa compensar as décadas de abandono, negligência e exclusão



por parte das instituições do Estado e convivência da sociedade em geral, a perspectiva de se ter um porvir em que o Rio de Janeiro conviva com a real inclusão de todos os seus habitantes num projeto democrático de cidadania é ainda muito distante.

REFERÊNCIAS

- AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. *Dicionário teórico e crítico de cinema*. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Trad. Danilo Marcondes. Porto Alegre: Artes Médicas. 1990
- BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato*. Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza (Título original: *Toward a Philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press, 1993).
- BUTLER, Judith. *Lenguaje, Poder e identidade*. Trad. Javier Saez e Beatriz Preciado (Título original *Excitable speech: a politics of the performative* London and New York: Routledge. 1997)
- BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico* (Fernando Tomaz, Trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1995.
- DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Campinas: Papyrus. Trad. Joaquim Torres Costa e Antonio M. Magalhães. 1991
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petropolis, Vozes, 1977
- FRESQUET, A. (Org). *Imagens do Desaprender – Uma Experiência de Aprender com o Cinema*. Rio de Janeiro: Booklink, 2007
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos e mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000
- MEY, Jacob. *As vozes da sociedade: seminários de pragmática*. Campinas: Mercado de Letras. 2001.
- ORTIZ, R. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo, Brasiliense, 1994
- OTTONI, Paulo. *Visão performativa da linguagem*. Campinas: Ed. da Unicamp. 1998
- SILVA, Daniel do Nascimento. *Pragmática da violência: o Nordeste na mídia brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras: Faperj, 2012.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Violência*. 1ª ed. – São Paulo: Boitempo, 2014.